

Acabamentos urbanos no DF

ALDO PAVIANI

Geógrafo e pesquisador associado da UnB

O mundo contemporâneo urbaniza-se cada vez mais. As cidades alargam seus limites, muitas invadem o meio rural, outras deixam seus moradores ocuparem terrenos íngremes, alagadiços ou impróprios para moradias. De qualquer forma, sobretudo em países subdesenvolvidos, morar próximo ao local de trabalho é aspiração seja qual for a classe social a que pertença o urbanita. Na América Latina, e especialmente no Brasil, o desafio da moradia para os pobres foi enfrentado não com políticas públicas de longo alcance, mas com o *laissez faire* e o imprevisto das moradias informais, as favelas ou os raros conjuntos habitacionais e loteamentos imobiliários. A classe média, todavia, tem seu problema resolvido pela abundante oferta do mercado empreendedor.

No caso de Brasília, vê-se que a cidade é um "imenso canteiro de obras", como escreveu o grande geógrafo Milton Santos. Canteiro de construções várias, a capital é um contínuo edificar, ensejando que a população passe a reivindicar acabamentos necessários para tornar o ambiente urbano menos hostil, menos selva de pedra. A aspereza será reduzida se houver melhoras no setor da arborização; aumento da área gramada e de pequenos lagos, tudo para amainar a aridez do período seco.

Se o conforto ambiental é uma demanda, sobretudo na empoeirada periferia, o mesmo acontece com a pavimentação para

pedestres e veículos. Há núcleos urbanos no DF, implantados há anos, que não contam com passeios e ruas pavimentadas. No período chuvoso, as pessoas convivem com a lama, sendo complicado locomover-se para qualquer atividade, sobretudo para as crianças, na ida à escola. No período seco, a convivência com o pó chega ao ponto crítico de afetar a respiração de crianças e idosos, que lotam hospitais.

Em relação às vias públicas, o GDF deve dotar as paradas de ônibus com um mínimo de conforto, inclusive com banheiros públicos. Há vias em que o ponto de ônibus se reduz às placas, muitas delas deprecadas pela revolta dos que ainda não foram admitidos à urbanização civilizada. Mas as paradas são pormenores se comparadas aos veículos de transporte coletivo. Felizmente, já não circulam as gaiolas para transporte de operários. Os velhos ônibus, alguns com data de validade vencida, com mais de 10 anos de uso, são caminhões com carroceria e bancos sem conforto. Circulam sujos e quebram com frequência, trazendo prejuízos para os que chegam atrasados ao trabalho, se cansam já no início do dia e pagam passagens das mais caras do país. O prejuízo é para quem depende desse transporte coletivo e para as empresas que empregam trabalhadores das satélites; portanto, danos para os usuários, tratados como meio-cidadãos. Para a economia, os prejuízos vêm do cansaço dos trabalhadores e os atrasos lhes reduzem o poder de produção. Transporte coletivo de melhor qualidade, portanto, é um dos acabamentos prioritários para Brasília.

Ou se amplia rapidamente a rede do trem suburbano (metrô).

Mas há inúmeros complementos para os moradores da cidade e turistas, como banheiros públicos e facilidades para a locomoção entre os diversos setores da capital. Grandes obras, como pontes, viadutos e duplicação de pistas estão na agenda há três décadas. Com isso, o setor construtivo emprega e lucra. Mas a grande massa da população requer mais do que flores nos canteiros centrais do Plano Piloto de Brasília. Embelezar interessa, mas as prioridades enumeradas dirigem-se à massa populacional, necessitada de escolas com maior número de professores, melhor equipamento didático, segurança e conforto; hospitais com maior equipe médica e atendentes melhor equipados para consultas e exames.

Atentar para a pequena escala e o cotidiano do brasiliense é urgente e requer políticas públicas de médio e longo prazo. Por isso, o GDF e os empreendedores privados devem ter visão de futuro, pondo nas respectivas pautas o setor habitacional. Não basta à população ter o lote (legalizado ou não), mas ela requer moradias condignas e investimento em água tratada e saneamento básico. Além disso, acabamentos no setor de emprego: morar próximo do trabalho é desejo dos habitantes da metrópole. Descentralizar e ampliar as oportunidades de trabalho é mais do que um acabamento urbano: é uma imperiosa necessidade para o DF e sua área metropolitana.

Enfim, o que se quer é a volta do planejamento urbano, com visão de totalidade, que perpassa governos do DF por décadas.

